

Lá chegando conhecemos Simone Beraba Cordeiro. Foi ela quem respondeu nossa primeira pergunta, diante de um prédio que visivelmente não nos é contemporâneo, o típico: “O que funcionava aqui?”. Ela começou explicando que o Museu foi fundado em 19 de abril de 2006, mas a casa que o abriga, construída em 1862, é a sede de uma fazenda cujo principal ganho vinha do tráfico de escravos após 1850, quando, como sabemos, o comércio internacional de escravos foi proibido. A fazenda também se dedicava ao plantio de café, mas ao que tudo indica, mais para esconder seu real e ilícito propósito. Seu proprietário era um português chamado Francisco Pereira da Costa Vieira. Sabe-se que sua permanência na fazenda, ainda que tenha investido na construção de luxuosa sede, não foi muito longa, tendo vendido a propriedade alguns anos mais tarde.

Simone nos explica que a exposição deste Museu se divide entre a história de seu próprio prédio, de sua construção, de parede tão ricamente ornada – ainda que por pintor desconhecido – e a própria tipologia do Museu, enquanto expoente da arqueologia da região e do Brasil. Nesta perspectiva há exemplares de vestígios arqueológicos de três povos que habitaram a região da Costa do Sol: os sambaquis, os goytacá e os tupinambá. Para tratar deste tema há uma série de quadros, com explicação sobre os sítios arqueológicos da região, sobre os achados e sobre a sua contribuição para a escrita da história de povos cuja presença é anterior a dos europeus. Nesta sala, que é uma das primeiras a serem visitadas, ainda no andar térreo, há além disso, uma vitrine com fragmentos de cerâmicas tupinambás encontradas na região.

A parte de cima da casa se destina à memória do próprio prédio, evidencia as diversas pinturas com paisagens de diversos lugares da Europa e ornatos originais de ouro. São dois tempos históricos, marcados sobretudo por dois regimes diferentes de exploração da terra: a vida dos tupinambá, sambaquis e goytacá e a presença dos europeus, fazendo do Brasil um grande exportador de café, às custas do trabalho escravo. São temas recorrentes neste e nos percursos anteriores, como na região Centro Sul Fluminense e Região Serrana.

Mais do que um Museu de arqueologia, a instituição cumpre a função de ser um polo disseminador das descobertas arqueológicas da região da Costa do Sol e também da cultura apreendida a partir destas pesquisas. Simone nos

conta que há grande visitação do Museu, tanto a de pesquisadores e alunos, como a de turistas que passam pela estrada. Ao sairmos do prédio tivemos a real dimensão desta área, pois se avistam um enorme e belo jardim gramado e uma escola. Depois de perguntarmos, Simone nos explica que todas as instituições são integradas, compondo o Complexo Cultural e Educacional Leonel de Moura Brizola, que além do Museu e da Escola, tem ainda uma Capela, sendo toda a estrutura pertencente à Prefeitura de Araruama. Isto evidencia que existe, na prática, uma disseminação do conhecimento produzido pelo Museu e pelos sítios arqueológicos ali no ambiente da escola, desde que aspectos da cultura guarani passaram a fazer parte do currículo da escola.